O fenômeno que emerge no fim: luto da psicóloga hospitalar em Gestalt-terapia

Maicy Bastos Rodrigues

RESUMO: O trabalho do psicólogo hospitalar na clínica oncológica se dá em um contexto permeado pela finitude, pelo sofrimento físico e emocional, e pelos constantes processos de despedida. Nossa prática perpassa por acompanhamentos prolongados, marcados por ciclos de tratamento, remissões, recaídas e em diversas situações, pela terminalidade da doença. Andery et al. (2020), destacam que nas pesquisas que discutem o luto entre profissionais da área da saúde, o ambiente hospitalar costuma ser apontado como um espaço em que o enfrentamento da morte e das perdas ocorre de forma recorrente. Nesse ambiente, o vínculo estabelecido entre o psicólogo e o paciente se constrói em meio a situações de intensa vulnerabilidade, nas quais atuamos não apenas como suporte emocional, mas também como facilitador na elaboração de medos, incertezas e reorganizações subjetivas impostas pela doença. Ao mesmo tempo, nos deparamos com o desafio de lidar com nossas próprias emoções diante da perda. O presente trabalho tem como objetivo apresentar, analisar e refletir, a partir de um caso clínico, o fenômeno do luto à luz da Gestalt-terapia, vivido pela própria profissional diante da terminalidade e da perda de uma paciente. Trata-se de um relato de experiência de acompanhamento psicológico ocorrido em um hospital público, de referência na região Norte, com uma mulher de 21 anos. Partindo da orientação gestáltica, foram realizados vinte atendimento à beira leito com duração média de 20 minutos cada, no período de janeiro a março de 2026. A oncologia estabelece um cenário onde o vínculo terapêutico é profundo, transformando a morte em um fenômeno que emerge não apenas para a família, mas como uma afetação direta na subjetividade da psicóloga. Espera-se, muitas vezes, que a terapeuta funcione como um apoio constante e inabalável, frequentemente desconsiderando que ela também faz parte do mesmo campo e é impactada pelas situações que nele surgem. O fenômeno que emerge no fim busca olhar para uma dor constantemente silenciada e não autorizada: o luto do psicólogo. Esse luto não representa uma fraqueza ou uma falha profissional, mas evidencia o contato autêntico estabelecido no campo terapêutico, refletindo empatia e presença real. Como resultado, destaca-se que pela vivência constante de perdas no contexto hospitalar oncológico, é necessário a existência de mecanismos de autoproteção, autocuidado, supervisão clínica e reflexão contínua, de modo a preservar a saúde emocional e garantir a qualidade do cuidado prestado. Ademais, esse trabalho autoriza e legitima o luto profissional, destacando que reconhecê-lo não compromete a competência do psicólogo, e sim, amplia sua capacidade de atuação empática e consciente. A integração dos princípios da Gestalt-terapia permite compreender como as experiências de perda se manifestam no campo relacional, fortalecendo a consciência emocional do profissional e promovendo intervenções mais sensíveis e humanizadas. A atuação do psicólogo no ambiente hospitalar, quando orientada pela abordagem gestáltica, fundamenta-se no que Angerami-Camon (1998) denomina de “empatia genuína”. Esse conceito refere-se a uma postura profissional profunda e abrangente, que busca reconhecer o ser humano em sua totalidade e considerar cada paciente como um fenômeno singular em sua experiência de adoecimento. (Estevão e Silveira, 2014). Estabelece-se, assim, uma rede de cuidado e presença entre psicóloga, paciente e família. Nesse espaço de escuta, o luto é validado e transformado, permitindo que a terminalidade seja atravessada com dignidade, aprendizado e profunda humanidade. Conclui-se, portanto, que o luto da profissional não é uma falha na neutralidade ou falta de profissionalismo: é uma evidência do contato autêntico estabelecido no campo terapêutico. A prática gestaltista propicia à psicóloga um espaço de equilíbrio entre a experiência do luto e as responsabilidades profissionais, fortalecendo-a para permanecer

inteira diante da inevitabilidade da finitude. É fundamental que as instituições de saúde compreendam que o cuidado humanizado do paciente oncológico está intrinsecamente ligado ao acolhimento psicológico da profissional que cuida. Nesse sentido, reconhecer e legitimar o fenômeno que surge no término da vida — o luto da própria psicóloga — configura um ato ético, cuidadoso e que valoriza a saúde mental de quem atua na linha de frente da terminalidade. Tal reconhecimento garante que a prática psicológica se mantenha viva, capaz de sustentar a dor do outro (e a sua própria) de forma sensível e genuinamente presente diante de cada nova despedida.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Luto profissional; Psicologia hospitalar.